



O MUNDO HUMANO COMO UM BEM: UMA APOSTA NA EDUCAÇÃO ÉTICO-FORMATIVA¹

THE HUMAN WORLD AS A GOOD: A BET ON ETHICAL-FORMATIVE EDUCATION

Franciele da Silva dos Anjos Strohhecker² Rosane da Rosa Porto³

¹ Trabalho produzido especialmente para este evento, a partir de estudos realizados em disciplinas e grupos de estudo da Linha 2, do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências.

² Doutoranda em Educação nas Ciências no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - (Unijuí/2022), Ijuí/RS, bolsista Capes. Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí, e Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. E-mail: franciele.anjos@sou.unijui.edu.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6044987122018679>.

³ Mestranda em Educação nas Ciências no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - (Unijuí/2022), Ijuí/RS, bolsista Capes. Graduada em Pedagogia pela Unijuí (2006) e especialista em Alfabetização pela mesma instituição (2021). Professora alfabetizadora na educação básica do município de Rio Grande/RS. E-mail: rosane.porto@sou.unijui.edu.br; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8437668167786999>.

RESUMO

O texto discute a ideia de uma condição humana hermenêutica, que instaura a ética como possibilidade e caminho de sua realização. A hipótese é de que a razão de ser da ética deriva, em primeiro lugar, da necessidade que inventamos ao construirmos uma civilização, um mundo simbólico em que uns convivem com outros. Trata-se de reconhecer que a ética nasce como possibilidade de compartilharmos mundo comum, logo, nasce do interesse de nos vincularmos aos outros, o que indica sua imensa potencialidade como resposta às angústias que temos vivido no que concerne ao cuidado do mundo. A partir de tal percurso, e sob inspiração de Johann Friedrich Herbart e da Hermenêutica Filosófica, compreende-se a experiência formativa escolar como um tempo/espaço para criação de interesse ético.

Palavras-chave: Formação humana. Mundo comum. Ética. Condição humana. Experiência escolar.

ABSTRACT

The text discusses the idea of a hermeneutic human condition, which establishes ethics as a possibility and path to its realization. The hypothesis is that the reason for ethics derives from, first of all, from the need we invent when we build a civilization, a symbolic world in which some live together. It is about recognizing that ethics is born as a possibility for us to share a common world, therefore, it is born from the interest of bonding with others, which indicates its immense potential as a response to the anguish we have experienced with regard to caring for the world. From this path, and under the inspiration of Johann Friedrich Herbart and Philosophical Hermeneutics, the educational experience at school is understood as a time/space for the creation of ethical interest.

Keywords: Human formation. Ordinary world. Ethic. Human condition. School experience.



INTRODUÇÃO

Em todos os tempos e lugares a humanidade precisou se implicar com o tema da ética e da moral se quisesse evitar a barbárie e preservar a vida, e hoje isso não é diferente. Obviamente que em graus e proporções diferentes ainda corremos o risco da barbárie, da banalidade da vida, deparando-nos, cotidianamente, com a fragilidade da civilização e dos valores democráticos que imaginávamos serem garantia de uma sociedade melhor. A extrema desigualdade social que se intensifica, especialmente nesses tempos pandêmicos; as investidas contra as instituições republicanas; as guerras; o culto ao individualismo, o qual é consequência dos nossos modos de viver e de nos relacionar, fundados na ótica do capitalismo o qual tem o consumismo por valor máximo; dentre outras angústias que temos experienciado na contemporaneidade, demonstram a urgência de discutirmos caminhos para evitar a ruína, para evitar que valores como a liberdade, a democracia, a justiça e a igualdade não se tornem apenas palavras esvaziadas de significado e ação.

E para enfrentar tudo isso é preciso muito mais do que “diagnosticar” as “doenças” sociais que nos acometem e as suas possíveis causas. É preciso dar respostas, porque tal como uma criança que está em perigo e nos exige uma ação imediata para salvá-la, assim o mundo também está para nós. Inclusive, as próprias crianças e seus futuros dependem da preservação (em sentido arendtiano) desse mundo. Tal como a criança que só é capaz de se desenvolver humanamente mediante o desejo do Outro, assim também ocorre com o mundo, que só continua existindo diante do desejo de um “nós”. É preciso investimento afetivo – para nos apropriarmos de uma noção empregada por La Taille (2009) – para que o mundo possa ser preservado e renovado, tal como imaginou Arendt (2016).

Quanto às respostas, ou a ação de proteção que o mundo nos demanda, pensamos que a ética seja uma delas – talvez a ética tenha sido a resposta primeira que inventamos para construir o que chamamos de humanidade. Sobretudo, a ética como fundamento da formação humana, porque “as conquistas civilizatórias só se mantêm ou conseguem ser aprimoradas se forem objeto de aprendizagem e de cultivo por parte das novas gerações” (BOUFLEUER, 2019,



p. 6). Assim, reapropriamo-nos da teoria de Johhan Friedrich Herbart¹ (2003) para conceber a ética como interesse, como afetação duradoura que mobiliza os sujeitos em razão de um fim, de uma ideia de bem. Uma ideia de bem possível de ser legitimada ou com potencial de universalidade: o bem comum, aquilo que pode ser um bem, algo digno de investimento afetivo por todos, e do qual depende a nossa existência comum, a saber, o mundo humano.

A razão que leva humanos a buscarem respostas ou possíveis soluções para proteger o mundo da barbárie, certamente se encontra no amor que são capazes de nutrir por este mundo e no amor pela humanidade. É por considerarmos o mundo e a civilização humana como legados que importam e que merecem o nosso cuidado e conservação que nos empenhamos à ação de proteção do que entendemos ser a nossa casa comum, nossa morada e morada das próximas gerações que ainda não têm o poder de decidir como este mundo será por ocasião da sua chegada, pois não estão aqui, e portanto, cabe a nós garantir-lhes a proteção das condições sociais e ambientais necessárias à sua existência.

Este estudo pretende refletir sobre o mundo como um espaço/tempo de relações humanas; espaço de convívio e de experiências intersubjetivas que nos levam a estabelecer “tratados” linguísticos pelos quais guiamos nossas ações, a fim de nos proteger e de proteger as condições fundamentais para que a vida em sociedade seja, dignamente, possível. Portanto, sem este espaço/tempo/experiência humana tecido na linguagem, cairíamos no abismo, esfacelaríamos a civilização, destruiríamos-nos uns aos outros. Trata-se, reiteramos, da ideia do mundo humano, mundo das suas relações intersubjetivas, como um bem universalizável.

Por certo que existem várias maneiras de contribuir para a conservação do mundo e uma das mais importantes é educar as gerações que estão agora fazendo parte dele para que desejem guardá-lo em sua integridade para aqueles que ainda vêm e têm direito à vida. Eles precisarão de ar, de água, de terra e de alimento e a preservação destas condições vitais depende dos acordos que a nossa geração atual for capaz de estabelecer acerca do que compreende como bem comum para o presente e para o futuro. Por tais razões, este estudo defende ainda a importância da escola como um espaço/tempo fundamental para que se apresente o mundo

¹ O pedagogo Johann Friedrich Herbart nasceu em 1776, em Oldenburg, cidade situada ao norte da Alemanha. Herbart é herdeiro e influenciador da pedagogia moderna, assentada nos ideais do esclarecimento e da autonomia da razão humana, o que o vincula à grande aposta feita na educação pela *Aufklärung*. O autor idealizou um percurso formativo que fosse expressão desse ideal da autonomia da razão humana, para o que a educação deveria ter como finalidade a formação da multiplicidade do interesse e da moralidade.



humano aos jovens, a fim de que possam conhecê-lo e construir o necessário vínculo afetivo para com ele, decisivo ao desejo humano de protegê-lo. E, para tanto, aposta-se que uma educação ético-formativa possa dar uma resposta positiva ao nosso desejo de fazer do mundo um bem de interesse afetivo comum.

METODOLOGIA

Este escrito inspira-se na hermenêutica filosófica como modo de compreensão, o que implica a criação de um espaço de diálogo aberto que visa a construção de entendimentos acerca da dimensão ética inerente aos processos formativos. Seguindo esta perspectiva, em um primeiro momento serão apresentados alguns entendimentos sobre a nossa condição humana, com base nos escritos de Hannah Arendt, Fernando Savater e Gadamer. Discussão que será pano de fundo para um segundo movimento que aqui pretendemos, a saber, a recuperação das ideias pedagógico-formativas de um clássico moderno, Johann Friedrich Herbart (1776 – 1841). A partir de tais compreensões, apresentaremos alguns indicativos de como a formação escolar pode ser capaz de constituir-se em uma experiência de criação de interesse ético pelo mundo.

A CONDIÇÃO DO MUNDO COMO UMA CONDIÇÃO HUMANA

Partimos do entendimento de que a condição do mundo coincide com a nossa humana condição. Hannah Arendt (2009) se refere ao mundo humano como um artifício cuja durabilidade potencial está condicionada à mortalidade daqueles que o ergueram e à natalidade dos recém-chegados. O mundo - como uma construção simbólica humana - é habitável à medida que assumimos a responsabilidade coletiva por ele, ou seja, se o amamos o suficiente para querer conservá-lo preservando as tradições que contam a sua história (que também é a nossa) e, ao mesmo tempo, cuidando em renová-lo para que não se torne hostil à nossa própria sobrevivência. Ou seja, é próprio da espécie humana a capacidade e a necessidade de “criar mundo”. As demais espécies, em sua maioria, são gregárias, reconhecem-se e mesmo articulam-se mediante à necessidade da sobrevivência. Leões caçam em bando pela necessidade de alimentarem a si e aos seus filhotes, caso contrário, a espécie desapareceria. As relações e os comportamentos dos outros animais são condicionados pela sua predisposição genética, o que significa que eles agirão de acordo com ela em qualquer tempo ou espaço do planeta. Com o humano é diferente. Nós humanos, transformamos o espaço com os artefatos culturais que



inventamos, para além da nossa necessidade de sobrevivência. Nós atribuímos significados às coisas existentes e às coisas que criamos e os partilhamos com os demais humanos. Nós criamos um mundo próprio, uma civilização cujo comportamento está atrelado muito mais às nossas criações culturais do que aos nossos condicionantes genéticos. E tudo isto é possível graças a um elemento: a linguagem. Para Savater (2001, p. 65), “A linguagem é o certificado de pertencimento à minha espécie, o verdadeiro código genético da humanidade”.

Tornamo-nos humanos pela capacidade simbólica que nos é possível pela linguagem. Ela é decisiva não apenas na nossa própria estruturação subjetiva psíquica como sujeitos pertencentes à espécie humana, mas também na possibilidade de construirmos e vivermos em sociedade como sujeitos culturais e políticos. Para Gadamer (2002, p. 173-174):

Poder falar significa: poder tornar visível pela sua fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo. O homem pode comunicar tudo o que pensa. E mais: É somente pela capacidade de se comunicar que unicamente os homens podem pensar o comum, isto é, conceitos comuns e sobretudo aqueles conceitos comuns, pelos quais se torna possível a convivência humana sem assassinatos e homicídios, na forma de uma vida social, de uma constituição política, de uma convivência social articulada na divisão do trabalho. Isso tudo está contido no simples enunciado: o homem é um ser vivo dotado de linguagem.

É justamente o fato de nossa espécie ter desenvolvido a habilidade de transformar a natureza em objetos culturais que atendam às nossas necessidades de sobrevivência ou mesmo às nossas necessidades estéticas que nos possibilita criar mundo humano, que resulta, por isso, da nossa capacidade de humanizar tais objetos, nomeando-os e atribuindo-lhes significados nas nossas teias de relações. Pelas nossas obras tornamos o mundo “durável” o suficiente para que nos transcenda e sirva de referência aos novos que chegarão e darão continuidade à obra humana e se humanizarão nos significados culturais já existentes sem a necessidade de construir tudo novamente do início.

Exatamente em razão do comportamento humano não ser determinado pela condição genética e sim pela condição cultural, podemos dizer que somos sujeitos permanentemente incompletos e que, por isso, ao longo da vida podemos transformar nossos valores, pensamentos e modos de agir. Savater (2001) nos lembra que os antigos filósofos reconheciam o homem como o ser mais ditoso e mais digno de admiração por causa dos seus “feitos”. O homem foi capaz de controlar as forças da natureza; de caçar e domesticar animais; de prever o futuro e suas ameaças, preparando-se para enfrentá-las como, por exemplo, elaborando remédios para curar doenças. Porém, com um olhar sob outra perspectiva em relação ao homem, Savater



(2001) menciona o ponto de vista original de Pico della Mirandola², o qual não enaltecia o homem por *ser mais* do que os outros animais, pelo contrário, o filósofo dizia que a dignidade do homem estava em *ser menos* do que os demais seres, pois todos os demais já têm fixados os seus destinos de antemão, *menos o homem*. Este tem a possibilidade de concluir-se. Só os humanos têm a liberdade de hesitar e de se enganar em suas escolhas. Humanos usam a sua razão para alcançar determinados fins e também para inventar novos fins, mesmo que estes sejam incertos e indeterminados e, nesta caminhada, fundamos a sociedade humana, indeterminada e inconclusa como nós e que, portanto, precisará estar sempre em evidência entre nós como objeto da nossa palavra, do nosso pensamento e da nossa intenção em mantê-la dentro dos padrões dignos de existência para nós mesmos. Caso percamos de vista esta noção de cuidado permanente com o mundo humano, ele poderá ser colocado em risco, pelas nossas próprias ações, pois somos suscetíveis ao engano. Portanto, o recurso que dispomos para nos salvar da barbárie é, justamente, mantermos o mundo humano como objeto de nosso interesse contínuo, tendo em vista que o destino dele não está fixado. Sendo assim, a única forma que dispomos para qualificarmos o nosso mundo e as condições de vida nossa dentro dele é estabelecermos acordos linguísticos buscando para ele as configurações mais lúcidas possíveis, as quais resultem num bem universalizável do qual todos venham a desfrutar, para tanto, precisamos recorrer à ética.

A questão que nos desafia na contemporaneidade é justamente o fato de que a modernidade trouxe no seu discurso de emancipação pela razão, a imagem de um homem que se distinguiu das outras espécies por *ser mais*, por ter a capacidade de dominar e transformar a natureza – através do trabalho- produzindo artefatos culturais que não apenas satisfaziam as necessidades de sobrevivência, mas se tornavam objetos de consumo e, aos poucos, foi-se estabelecendo uma cultura de consumo fomentada, principalmente, pelo sistema de economia adotado pela maioria das sociedades ocidentais modernas, o capitalismo. Podemos dizer que este sistema vem transformando radicalmente a nossa forma de nos relacionar com o mundo e de nos relacionarmos uns com outros. Vivemos, nos dias atuais, numa sociedade que exacerba os valores individuais e que entende os bens naturais existentes no mundo como uma fonte a ser usufruída como recurso para a produção de mais bem-estar material privado. Portanto, a

² De acordo com a descrição de Savater (2001), trata-se de um filósofo renascentista.



noção do mundo como um bem público se esvai à medida que nos autorizamos a utilizá-lo como fonte inesgotável de recursos, visando ao benefício de alguns indivíduos apenas ainda que esta ação custe a miséria e a morte de outros tantos indivíduos. Esta conduta humana nos parece um grande engano porque o mundo é finito como nós, e suas fontes de bens naturais não são inesgotáveis. Mais acertado será mesmo dizer que estamos incorrendo no engano de consumir o mundo, no presente, como outro objeto qualquer.

Nossa conduta individualista é responsável pelo surgimento de muitos problemas sociais, os quais descrevemos no início desta escrita: as desigualdades sociais traduzidas em fome, miséria, desemprego, violência; os ataques à república por ser um sistema de governo que tem por princípio a igualdade entre os homens; as guerras, não por instinto de defesa, mas pela intenção de concentrar território e aumentar o volume privado de riquezas pela extirpação dos bens comuns. A sociedade moderna, em nome da emancipação, progressivamente, está perdendo a sua capacidade de dialogar sobre o sentido de suas obras e do mundo comum e centra a sua existência, meramente, na sobrevivência individual e na transformação da natureza em artefatos de consumo mediante uma ação compulsiva de produção, consumo e mais produção em abundância, e neste ciclo alienado e alienante de existência, corre o risco de se tornar prisioneira desta própria lógica instrumental. Para Arendt (2009, p.56), em *A condição humana*, quando a sociedade é a forma da dependência mútua em prol da subsistência e nada mais, as atividades que dizem respeito à mera sobrevivência adquirem importância pública, são admitidas em praça pública.

Haveremos de nos preocupar com uma sociedade que se torna um coletivo de indivíduos cuja dependência entre si está restrita à subsistência e *nada mais*, quando o trabalho se resume à produção e ao consumo e isto se torna tema de importância pública. E por que isso exige preocupação? Retomemos uma questão fundamental já discutida aqui: como humanos, não trazemos inscrito em nossos genes o que seremos e nem o que o mundo será. Nossa condição aberta, inacabada, permite-nos as mais inusitadas possibilidades de criar mundo humano. O mundo é tão somente o resultado concreto dos tratados linguísticos públicos que validamos como sociedade humana. Conforme tão perfeitamente nos chama a atenção Arendt (2008), o mundo comum se mantém “inumano” a menos que seja comentado por seres humanos. Ele não é humano por ser feito por seres humanos ou porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se torna objeto de discurso.



Outra questão a se considerar é que todas as esferas sociais são atravessadas pela ótica do consumo na sociedade capitalista contemporânea, inclusive a educação, o que é ainda mais preocupante. Neste tipo de configuração social a educação, progressivamente, vem perdendo o seu sentido público. Vejamos: não está aqui em questão o fato de as instituições escolares serem financiadas pelo Estado ou pela iniciativa privada. Está em questão o fato de a educação, atrelada aos imperativos econômicos, perder seu significado ético-formativo. Afinal, em que momento nos perguntamos sobre os objetivos que temos ao educar a geração deste século? Sobre isto nos chama a atenção Carvalho (2017):

É claro que, numa organização social desta natureza – uma sociedade de consumidores num mercado de obsolescência -, esvai-se a noção de um mundo comum que transcenda a existência individual, seja no passado ou no futuro. O mundo deixa de ser um artifício comum a ser compartilhado entre gerações para ser consumido no presente também (CARVALHO, 2017, p. 22).

Não se pode pretender uma educação que se desvincule do mundo do trabalho eximindo-se da responsabilidade de instruir os jovens em habilidades necessárias à sua inserção nas esferas econômica e social, contudo, diante de todas as argumentações que ora fazemos em favor do mundo comum, é coerente sustentar que a educação tem um compromisso imensamente maior e de interesse público, ou seja, de interesse comum à humanidade como um todo: ela tem a ver com o desenvolvimento da capacidade dos humanos de agirem no mundo com os outros e de estabelecerem sentidos razoáveis para a sua própria existência e do mundo, sentidos estes não desvinculados de valores humanos universais razoáveis, pois sem eles, facilmente, colocaremos em risco nossa própria sobrevivência e das gerações futuras.

Qualquer outro fundamento posto para a educação, fora da condição humana no mundo, será incipiente, frágil e mesmo desastroso. Sendo assim, na sequência desta reflexão, entendemos como valoroso tratar da escola como espaço/tempo fundamental à aprendizagem da humanidade e, para tanto, apostamos numa educação ético-formativa como resposta desejável à intenção de tornar o nosso mundo algo merecedor do cuidado e da proteção humana.

A ESCOLA COMO ESPAÇO/TEMPO DE NUTRIR INTERESSE PELO MUNDO

Deparamo-nos com o dilema moderno e, ao mesmo tempo, desafio necessário, de como construir um mundo que seja comum e compartilhado com todos e para todos. Tratamos como dilema e desafio a construção de um mundo comum porque vivemos em sociedades



complexas, povoadas por indivíduos de múltiplas culturas, valores, com projetos muito particulares de vida, e, especialmente, sociedades marcadas por uma espécie de individualismo exacerbado, em que o horizonte de desejo passa a ser apenas o que se liga ao individual, à vida privada dos sujeitos.

E mais uma vez nos perguntamos que respostas podemos produzir para que consigamos educar as novas gerações na perspectiva de criar interesse pelo mundo comum. Mundo comum entendido como o que preexiste à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele, como indica Arendt (2017, p. 68). Ele é o que temos em comum com aqueles que vivem conosco, neste tempo, mas também com aqueles que vieram antes e virão depois de nós. Um tempo/espço/construção comum que só sobrevive à medida que se tornar interessante para as novas gerações, o que demanda, anteriormente, constituir-se como algo interessante para aqueles que chegaram antes. Daí que a razão de ser desse interesse é uma ética: uma compreensão sobre como podemos viver bem, compartilhar bem, isto que nos é comum. Como podemos apresentar o mundo às novas gerações de modo que ele possa se constituir para elas em algo digno de ser cultivado?

Na pergunta já reside uma possível resposta, a saber, de que o mundo precisa constituir-se em algo interessante para que possa ser cultivado. Essa ideia pode ser alargada através da compreensão de Herbart acerca das finalidades da educação, que para ele seriam a moralidade do sujeito e a formação da multiplicidade do interesse. Vejamos como esta segunda categoria aparece na teoria herbartiana, para pensar de que modo ela ainda poderia se constituir em um elemento frutífero para a educação contemporânea.

Herbart compreende que somos orientados moralmente pelo conjunto de interesses que compõem o nosso círculo de pensamentos³. Por isso ressalta a importância de que a instrução educativa⁴ nunca perca de vista a necessidade de reunir os múltiplos interesses construídos através do ensino, para que a alma não fique fragmentada e, por isso, dispersa. Trata-se de pensar em uma formação que não restrinja os sujeitos ao universo dos desejos momentâneos, mas que amplie a sua concepção de mundo e do outro, daí a necessidade de estar “fundida” em uma multiplicidade de interesses.

³Conforme Odair Neitzel (2019, p.21), o círculo de pensamentos é base da fortaleza do caráter ético.

⁴Em Herbart a instrução educa, forma um modo de ser ético do indivíduo. “A ideia mestra da pedagogia de Herbart é que o único fundamento de toda a educação é a instrução. Não existem mais, portanto, duas educações distintas: uma educação intelectual e uma moral.... Instruir a mente é, julga ele, construí-la” (EBY, 1978, p. 414).



Ainda que as múltiplas orientações do interesse se devam dividir de forma tão variada quanto nos pareçam variados e múltiplos os seus objetos, todos se devem dispersar a partir de um ponto. Ou então as múltiplas facetas devem representar os lados da mesma pessoa, tal como as diversas superfícies de um corpo. O facto é que na pessoa todos os interesses têm de pertencer a uma consciência e nunca devemos perder essa unidade (HERBART, 2003, p. 62).

Para o autor, essa unidade da pessoa é mantida através de um processo de reflexão em que os aprofundamentos se articulam. A partir da reflexão esses interesses podem relacionar-se com outros já existentes, formando um sujeito multiplamente interessado. Com isso podemos entender as razões de os aprofundamentos e a reflexão criarem o interesse, visto que este nasce justamente da possibilidade criada pelos estudos, pelos aprofundamentos, pela atenção, pela reflexão, o que é radicalmente diferente de algumas teorias do interesse que permeiam o ideário pedagógico atual.

A multiplicidade do interesse é composta por dois grupos de interesses, a saber, os “interesses do conhecimento” e os “interesses da simpatia” que, para Herbart, são estados de espírito. A simpatia é justamente o interesse acerca das relações, que compreende os interesses na humanidade, na sociedade, na relação entre ambas e para com o ser supremo⁵. Os interesses do conhecimento, por sua vez, também são indispensáveis para a formação de individualidades multiplamente interessadas, dotadas de senso crítico e de liberdade interior. Isso porque esses interesses do conhecimento — quais sejam, da variedade, da sua regularidade e das suas relações estéticas — permitem compreender a dinâmica em que percebemos e representamos o mundo. Em outras palavras, trata-se de conhecer a estrutura do conhecimento acerca das objetivações humanas, seja no que se refere aos fenômenos da natureza, à constituição da matéria das coisas, aos conceitos, aos contrastes, às interligações das ideias que estruturam o mundo, ou, então, no que se refere à construção para si de um juízo estético das coisas humanas, o que requer um mergulho ou um aprofundamento nos objetos do conhecimento.

Destarte, percebemos em Herbart uma aposta na instrução educativa como caminho para a construção de um existir ético, algo que pode ser realizado mediante a formação para a multiplicidade do interesse. A relação da multiplicidade do interesse com a moralidade, ou seja, do ensino (instrução) com a finalidade da educação, está no fato de que são os interesses que

⁵Diante da perspectiva pós-metafísica que orienta a autora deste texto, cabe destacar que o fragmento “para com o ser supremo” é de Herbart, não significando que concordo com ela, ao contrário.



guiam a vontade do sujeito. Daí a importância de uma formação em interesses múltiplos, já que “só o que é suficientemente forte e com uma interligação múltipla é que se apresenta frequentemente à alma e o que mais se salienta é que conduz à ação” (HERBART, 2003, p. 25). Herbart acredita que o ensino consegue “penetrar mais fundo na oficina das ideias” (2003, p. 81) e que sua multiplicidade permite aos sujeitos escolher com maior liberdade com que se ocupar. A respeito disso, Eby pontua que “somente aquele indivíduo que tenha a mais ampla ordem de experiências e interesses, que tenha estudado a vida sob maior número de aspectos, pode fazer, com confiança, as melhores escolhas” (1978, p. 412). Trata-se de uma aposta na educabilidade dos sujeitos, ou melhor, na sua autoeducação mediante o alargamento do círculo de pensamentos, o que se dá a partir da criação de múltiplos interesses possibilitados pela instrução (ensino).

Essa instrução que é educativa em Herbart permite o reconhecimento da unidade entre ser e conhecer, com o sentido de que aquilo que sei, aquilo que me interessa, aqueles saberes que constituem o meu modo de pensar, impactam o modo como existo e o modo como tomo minhas decisões. Portanto, não nos interessamos por aquilo que não concebemos como valoroso e digno de investimento afetivo ou intelectual, assim, reconhecer o mundo humano comum como um bem digno desses investimentos demanda um compromisso ético daqueles que educam, em contar e apresentar esse mundo, nossa casa, de modo interessante. E Herbart desenvolve um caminho pedagógico para pensarmos como os conhecimentos escolares poderiam ser organizados/articulados de modo a propiciar uma construção potente de interesses, o que nos faz conceber sua teoria como uma possível resposta e aposta ético-formativa. Ele nos permite pensar alternativas para o enfrentamento dos modos simplistas de pensar, porque sua formação, assentada na multiplicidade do interesse, oportuniza aos sujeitos educacionais uma experiência de alargamento das possibilidades de compreensão do real. Deste modo, espera-se que sujeitos formados a partir da multiplicidade de interesses disponham de categorias/entendimentos que lhes permitam “ler” o mundo de modo abrangente, e com isso significar as informações e interpretar situações cotidianas com autonomia e criticidade.

Nesta perspectiva, a escola se torna um espaço primordial e valioso para educar os novos a partir desta multiplicidade de interesses proposta por Herbart, pois a escola é o lugar onde as novas gerações se reúnem em torno de um objetivo comum que é a construção do conhecimento. E ainda que atualmente os currículos escolares tenham em si, impregnadas



fortemente, as expectativas do mercado de trabalho ou mesmo que o currículo escolar expresse a predominância de uma ideia de mundo como um lugar que serve de base às conquistas individuais; mesmo assim, a escola continua sendo um espaço onde muitos se reúnem em busca de algo que acreditam ser interessante ou importante. A questão é: que algo é este?

Vale lembrar que a escola é uma invenção cultural e histórica e que a escola como conhecemos hoje, com os valores que observamos, é uma herança dos modernos. Porém, como qualquer artifício cultural da civilização humana, a escola também não tem fixado o seu destino final. Ela pode ser reinventada e os valores que cultiva também podem ser reinventados, reorientados em nome de causas realmente vitais à humanidade e, neste caso, a defesa do mundo como um bem comum é vital nestes tempos de extrema fragilidade social.

É preciso e urgente repensar e redefinir a educação como processo ético-formativo que possibilite a aprendizagem da humanidade pelos humanos e que neste movimento o mundo seja exposto como algo que mereça ser disponibilizado às novas gerações para ser conhecido, a fim de que aprendam o seu funcionamento e que dialoguem com ele através do conhecimento, do estudo, do aprofundamento do interesse que pode levar à nutrição do afeto e do desejo de cuidado e de renovação.

Lembremo-nos de que a condição humana não está dada. Trata-se ela de uma condição hermenêutica. O nosso estar no mundo já é sempre um “estar compreendendo” possível, por sua vez, por um “estar interpretando” (BOUFLEUER, 2019). Imaginamos que essa condição instaura a ética como possibilidade e o caminho de sua realização. A hipótese é de que a razão de ser da ética deriva, em primeiro lugar, da necessidade que inventamos ao construirmos uma civilização, um mundo simbolicamente compartilhado. Reconhecemos, portanto, que a ética nasce como possibilidade de vivermos uns com os outros, logo, nasce do desejo de nos vincularmos aos outros, o que indica sua imensa potencialidade como resposta às angústias que temos vivido no que concerne ao cuidado do mundo humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mobilizamos aqui algumas compreensões sobre a nossa condição humana. Condição de seres de linguagem e que através dela compartilham um mundo comum. A partir da construção teórica aqui tecida, concebemos as implicações formativas desse entendimento sobre o humano,



ou, em outras palavras, visualizamos neste percurso argumentos potentes em defesa do sentido formativo humano, como condição para a conservação, renovação e durabilidade do mundo humano comum. Trata-se do reconhecimento da inventividade do mundo, de sua estrutura simbólica que sempre nos demanda “contar o mundo às novas gerações”.

Em razão dos desafios postos pelo modo de compartilhar o mundo contemporâneo, sobre o qual discorreremos em alguns momentos do nosso escrito, entendemos a necessidade, sempre pulsante, de investirmos na formação/educação dos novos para que eles possam construir referenciais próprios sobre como viver nesta morada comum. Isso porque entendemos que alguns sentidos que temos inventado como “necessidades humanas”, como a do consumo, por exemplo, quando compartilhadas como objeto de maior desejo, negam aos recém-chegados a chance de empreenderem para si modos de existência autônoma, livre. E tão danoso quanto, são os resultados de tais ideais mercadológicos para o mundo em seu sentido natural, uma vez que ele acaba sendo objeto de consumo humano.

Diante desse cenário, e sob uma prerrogativa ética de acolhida dos novos, é urgente assumirmos a nossa responsabilidade em proteger o mundo, a fim de que continue habitável para as gerações vindouras que ainda não têm poder de decisão por não estarem aqui e, desta forma, não podem decidir como o mundo será no momento de sua chegada. Uma das maneiras mais dignas de contribuir para a conservação do mundo é educar as novas gerações para que se tornem aptas do ponto de vista ético-político a participarem do mundo público. Podemos ensinar e aprender o amor ao mundo pela educação, certamente.

Tais entendimentos nos levaram a recorrer à teoria de Herbart sobre a formação como criação da multiplicidade do interesse, movimento que permitiu concebê-la como representativa de uma resposta possível ao crescente desinteresse pelo mundo comum que acomete a humanidade. Tal empreitada oportuniza reforçar o lugar primordial da educação como condição para que as novas gerações possam construir e cultivar interesse múltiplo, pelas relações, pelo mundo. Através desse diálogo hermenêutico com um clássico da pedagogia moderna, evidencia-se o quanto as questões que dizem da nossa humanização neste mundo comum possuem um lastro sem fim. Enquanto houver humanidade e desejo de cultivá-la em cada novo ser, estaremos sempre recorrendo às teorias educacionais, buscando elaborar respostas para as questões do nosso tempo. Sobretudo, se essas teorias tiverem a ética como finalidade formativa, como é o caso da pedagogia de Herbart. Com tudo isso, afirmamos ser ela, a ética, essa resposta



coletivamente reconstruída sobre como podemos coexistir neste espaço/tempo que nos é comum: o mundo, bem universalizável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução de Denise Bottman; posfácio de Celso Lafer. 1ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 315 p.

_____. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 352 p.

BOUFLEUER, José Pedro. **A especificidade da educação nas sociedades republicanas e democráticas**. Espaciosen Blanco – Revista de Educación, n. 29, v. 2, jul./dic. 2019, p. 293-305 (Dossier sobre el tema Justicia Social, Democracia y Educación).

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. **Educação uma herança sem testamento**: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017. 144 p.

EBY, Frederick. **História da educação Moderna**: teoria, organização e práticas educacionais. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**: complementos e índices. Tradução de Enio Paulo Giachini; revisão da tradução de Marcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2002. p. 173-182.

HERBART, Johann Friedrich. **Pedagogia Geral**. Coimbra: Caulouste Gulbenkian, 2003.

LA TAILLE, Yves de. **Formação ética**: do tédio ao respeito de si. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NEITZEL, Odair. **A pedagogia como autogoverno em Johann Friedrich Herbart**. 2018. 135f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.

SAVATER, Fernando. **As perguntas da vida**. Tradução de Mônica Sthael. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 65-84.